

CONDITORES

† PROF. BASÍLIO FREIRE—† PROF. GERALDINO BRITES—PROF. MAXIMINO CORREIA

FOLIA ANATOMICA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

MODERADORES

PROF. MAXIMINO CORREIA — PROF. A. TAVARES DE SOUSA

INDEX

MARTIN (ANDRÉS FERNÁNDEZ) — <i>Múltiples variedades anatómicas observadas en un mismo cadaver: Descripción de algunas anomalias angiológicas.</i>	N 9
MARQUES (SILVANO) — <i>A propósito das relações anastomóticas entre o vago e o simpático.</i>	N 10
— <i>Algumas considerações sobre a morfologia do nervo vertebral.</i>	N 11
TAVARES (ABEL S.) — <i>Sobre o alongamento respectivo do 2.^o e 4.^o dedo da mão.</i>	N 12

VOL. XX



NN 9-12

«COIMBRA EDITORA»
MCMXLV

FOLIA ANATOMICA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

Vol. XX

N 9

MÚLTIPLES VARIEDADES ANATÓMICAS
OBSERVADAS EN UN MISMO CADAVER:
DESCRIPCIÓN DE ALGUNAS ANOMALIAS
ANGIOLÓGICAS.

POR

ANDRÉS FERNÁNDEZ MARTIN

Professor Auxiliar

(Recebido pela Redacção em 20 de Maio de 1945)

Observamos el tronco de un cadaver de adulto con numerosas anomalias, de las cuales, la principal es la referente al riñon izquierdo, situado en pelvis, (como atestigua la fotografia adjunta); no hacemos la descripción de esta interesante ectopia renal congénita por habernos ocupado de élla en el numero 5 de la revista *Clinica* de nuestra Facultad de Medicina.

Nos limitamos a reseñar brevemente las variedades vasculares observadas, teniendo en cuenta que las correspondientes al lado izquierdo son inherentes a la ectopia renal indicada.

Cavidad abdominal, lado derecho: segun indica la figura esquemática numero 1, se observa que a la vena cava inferior llegan tres venas renales, cuyos



troncos de origen distinto, caminan bien diferenciados para abrirse por dos orificios superpuestos en la cava, por haber-se unido el tronco superior y medio poco antes de su desembocadura.

Puede notar-se otra variedad en la misma figura



Fotografía del ex.

y siguiente, y es que la vena genital (espermática) lado derecho, se abre en la renal, en vez de hacerlo en la cara anterior de la cava; a este tronco genital en su dirección ascendente se le unian una porción de ramitos venosos delgados, procedentes unos de las paredes abdominales (posterior y lateral), del

peritoneo, y de las mismas paredes de los grandes vasos.

La disposicion arterial en el lado derecho del abdomen éra normal.

Lado izquierdo: una sola vena renal, delgada y de direccion transversal que cruza la cara anterior de la

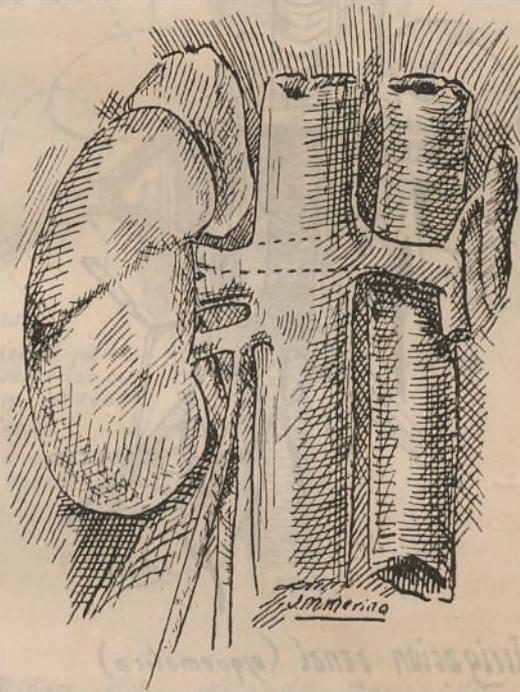
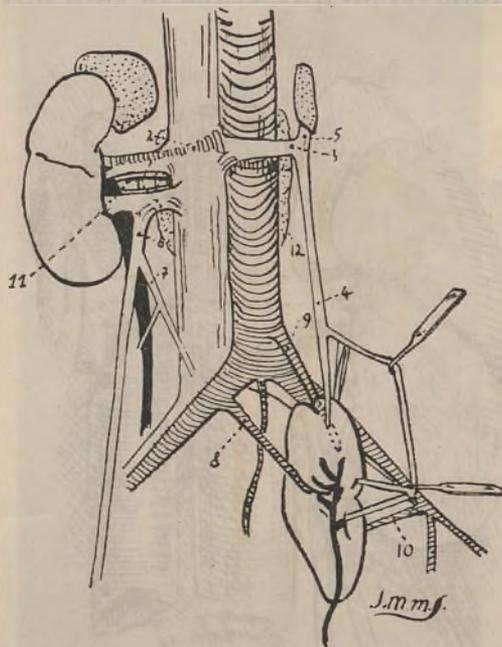


Fig. 1

aorta y a poco se divide en dos, una rama ligeramente ascendente, que termina en la capsula supra-renal, (que como es clasico no ha acompañado al riñon ectópico en su posición anómala), y otra que vertical y muy alargada proced de la pelvis y resulta su formación por la reunión de cuatro ó cinco troncos diferentes que nacen del parenquima renal, una del polo superior del riñon y el resto de la cara ante-

rior, emergiendo separadamente y próximas a lo que sería borde concavo ó hiliar, (que en este caso ectópico por su disposición es borde externo).

La variedad arterial en este lado es inherente a la existencia de la ectopia y comprobamos hasta cuatro



Irrigación renal (esquemática)

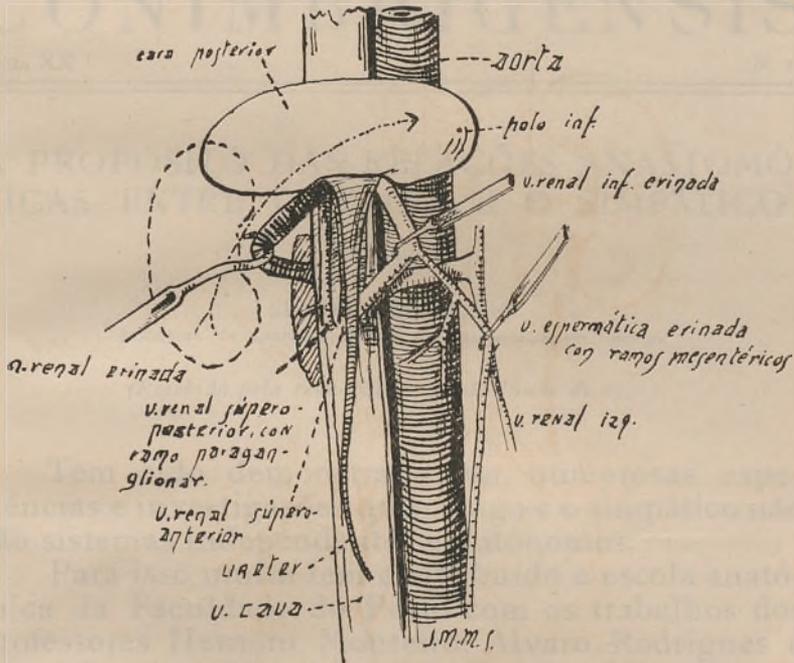
Fig. 2

arterias renales, que nacen de origen diferente pero próximas a la anómala implantación renal, así vemos una arteria que nace de la aorta poco antes de bifurcarse, dos tienen origen en la iliaca primitiva del mismo lado, y otra en la del lado opuesto.

Aunque las variedades vasculares son relativamente frecuentes, sobretodo las venosas, estas que acabamos de reseñar brevemente tienen cierto inte-

res pur su multiplicidad; se citan casos descritos por Lejars, Verneuil, Portal, Macalister, Schmerber, Wiart, Quain, etc.

Que son raros los casos de existencia de tanta variedad anatómica en un mismo cadaver, lo



*Riñón dcho. erizado, mostrando
sus tres venas renales. (esquem.)*

Fig. 3

demuestra la estadística del Departamento, de unos 200 cadáveres que ingresan anualmente en nuestro Instituto, mas de la mitad son utilizados para necesidades de la enseñanza en las prácticas de disección.

Facultad de Medicina de Valladolid; Instituto Anatómico Sierra. Director: Dr. López Prieto

FOLIA ANATOMICA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

VOL. XX

N 10

A PROPÓSITO DAS RELAÇÕES ANASTOMÓ-
TICAS ENTRE O VAGO E O SIMPÁTICO ¹

POR

SILVANO MARQUES

Assistente de Anatomia Normal da Universidade de Coimbra

(Recebido pela redacção em 20 de Junho de 1945)

Tem sido demonstrado por numerosas experiências e investigações que o vago e o simpático não são sistemas independentes e autónomos.

Para isso muito tem contribuído a escola anatómica da Faculdade do Porto com os trabalhos dos professores Hernani Monteiro, Álvaro Rodrigues e Sousa Pereira. Outros autores, Ranson, Hovelacque, Beraeuker, Fick, mostraram a existência de anastomoses entre o vago e o simpático. Shinosaki leva o seu estudo mais adiante e procura fazer a sistematização dessas anastomoses.

Do mesmo modo as investigações feitas por Couvreur, Uchida e Iwama, no campo da Anatomia comparada, levam à conclusão de que estes dois sistemas não são antagonistas mas sim de natureza

(1) Comunicação apresentada ao Congresso Luso-Hespanhol para o Avanço das Ciências — Cordova 1944).

mista. Estas hipóteses são ainda reforçadas pelos inúmeros casos de vago-simpático, encontrados, quer no homem quer em outros animais, tais como o cão, o gato, o porco etc., e descritos por Hernani Monteiro, Álvaro Rodrigues, Jonnesco e Jacquet, Leriche et Fontaine, Longet, Cruveilhier, etc.

A par do estudo da morfologia do simpático cervical no homem fiz também a observação das anastomoses entre o vago e o simpático.

Em 50 fetos a termo, nos quais dissequei o simpático cervical bilateralmente, pôde observar vários tipos de anastomoses entre aqueles dois sistemas.

Podemos sistematizar as anastomoses que observei em 4 tipos, sendo no entanto o quarto tipo o mais interessante, julgo mesmo ainda não estar descrito, pelo menos eu não o encontrei na bibliografia que tenho sobre este assunto.

Ao primeiro tipo pertence a clássica anastomose entre os gânglios cervical superior e plexiforme. Anastomose de segmento curto e espesso, dada a pequena distância que separa estes dois gânglios. Por vezes nem existe segmento e a anastomose faz-se então pelo encosto e soldadura dos referidos gânglios (fig. 1, 2, e 3 A).

Outro tipo de anastomose, o segundo é também muito frequente (30% à direita e 25% à esquerda) é alcançada entre o gânglio cervical superior e o tronco do vago através do nervo cardíaco superior do simpático. Do nervo cardíaco superior, a dois ou três centímetros da sua origem desprende-se um delgado filete que a breve trecho se lança no tronco do vago, (fig. 2 e 3-C). No entanto não devemos confundir esta anastomose com o ramo cardíaco superior do vago que por vezes se une ao seu similar saído do simpático.

O terceiro tipo de anastomose entre o vago e o simpático (20% à direita e 18% à esquerda) é o

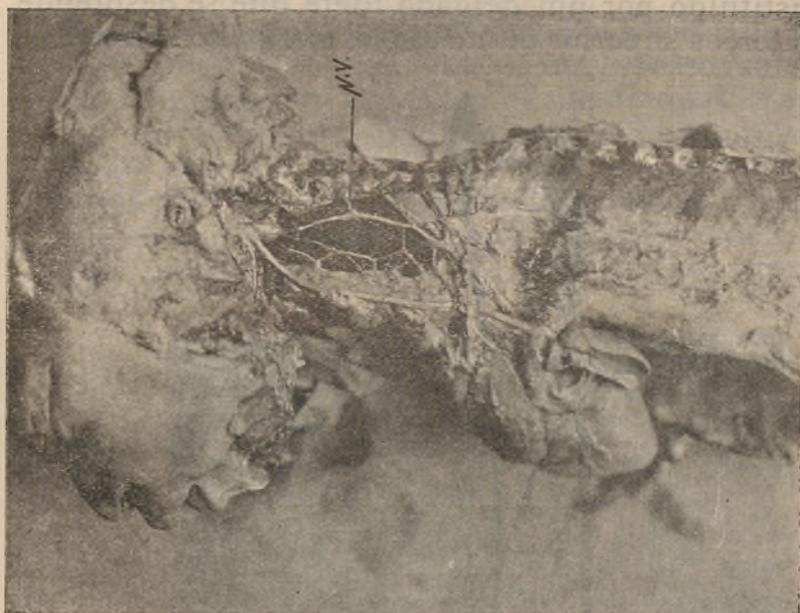


Fig. 2

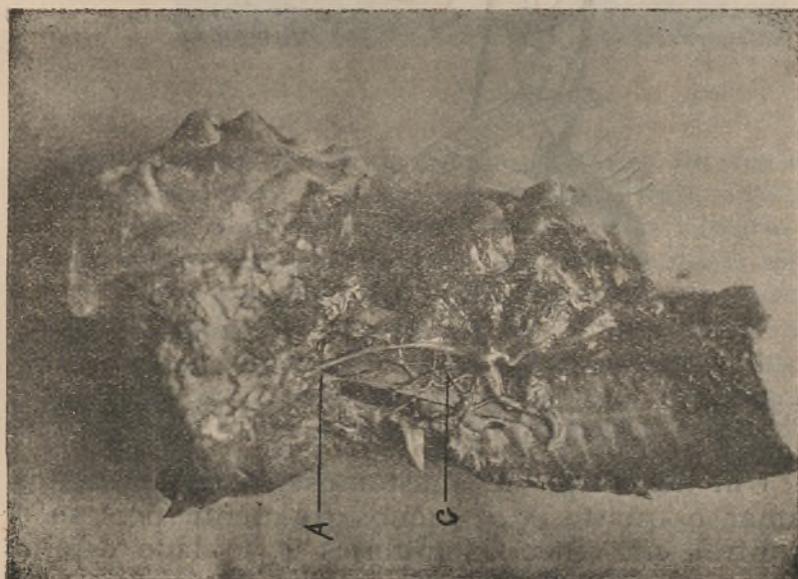


Fig. 1

constituído por um delgado filete que se desprende dos terços superior ou médio do tronco do simpático,



Fig. 3

desce uma extensão de dois ou três centímetros e lança-se no tronco do vago (fig. 3-B).

Um novo tipo de anastomose, a que podemos chamar o quarto, é o menos frequente pois só o encontrei em cinco exemplares 4 do lado direito

(fig. 1-G) e em 1 do lado esquerdo (fig. 2-G) e é constituído da seguinte forma: do terço inferior do tronco cervical do vago desprende-se um espesso ramo 0,5 c. de comprimento, na extremidade do qual se encontra um volumoso gânglio de aspecto piriforme. Da maior espessura do gânglio e lado oposto onde entra o referido ramo do vago, desprendem-se 4 delgados filetes que se dirigem para o simpático e nele penetram pela ordem seguinte: os dois mais superiores



Fig. 4

para o tronco, o terceiro para a ansa de Vieussens, o quarto para o gânglio estrelado (figs. 1, 2 e 3-C).

Em dois exemplares onde havia gânglio intermediário o segundo filete lançava-se neste gânglio.

Dos gânglios (G) foram feitos exames microscópicos que nos revelaram a existência de células grandes, ramificadas, de núcleo volumoso, lembrando as células do tipo simpático, como nos mostra a fig. 4. Podemos pois considerar estes gânglios como simpáticos.

BIBLIOGRAFIA

- Hovelacque:** *Anatomie des nerfs crâniens et rachidiens et du système sympathique.* Paris 1937.
- Couvreur (E):** *Pneumogastrique et sympathique.* Comp. Rend. de l'assoc. des Anatomistes, 1923.
- *M. Jeanne Dueultry: Signification des ganglions plexiformes et jugulaires.* Comp. rend. de l'assoc. des Anatomistes, 1923.
- Kiss (F):** *Le rapports entre le pneumogastrique et le sympathique.* Arch. d'anatomie et Hist. et Embri. t: XIII, 1931.
- *Les rapports du pneumogastrique et du sympathique (la non existence du parasymphatique).* Bull. du Museum d'Historire naturelle 2.^a serie, III n.º 5, Paris, 1931.
- Leriche et Fontaine:** *Contribution a la physiologie du pneumogastrique. De l'importance en physiologie et en pathologie des anastomoses vago-symphatiques.* La Presse Médicale 12 de Juin 1929.
- Hernani Monteiro, Álvaro Rodrigues e Sousa Pereira:** *À propos des rapports entre le vague et le sympathique.* Comp. Rend. de l'assoc. des Anatomistes, Aotu, 1931.
- Fick:** *Beitrag zur Kenntnis der Vagus-Symphaticus-Verbindungen unterhalb der Schadelbasis.* (Zeitschr. fur mikr. anat. Forschung, t. 11, n.º 2, 1925.
- Joshio Iwama:** *Untersuchungen uber die periphere Bahn des N. vagos, III Mitteilung. Die markhalligen Fasern des linken Vagus.* Folia Anatomica Japonica Band VI, Heft 5 November, 1925.
- Billingsley and S. W. Ranson:** *Branches of the ganglion cervicallae superius.* The Journal of Comparative Neurology. vol. 29 october, 1918.

FOLIA ANATOMICA UNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

VOL. XX

N 11

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORFOLOGIA DO NERVO VERTEBRAL¹

POR

SILVANO MARQUES

Assistente de Anatomia Normal da Universidade de Coimbra

(Recebido pela redacção em 15 de Junho de 1945)

A sistematização do nervo vertebral tem sido objecto de estudo para muitos investigadores.

Para alguns autores, entre eles Guillaume, o nervo vertebral seria constituído por fibras post-ganglionares de natureza vaso-motriz em relação a artéria vertebral e vaso-motriz, pilo-motriz e secretória em relação ao membro superior.

Últimamente Danielopolu afirmou a existência no nervo vertebral de fibras sensitivas centrípetas da zona cárdio-aórtica. Este facto redobrou a importância que já possuía o nervo vertebral, porque, se por um lado ele possui fibras da zona cárdio-aórtica (Danielopolu) por outro lado tem a seu cargo a iner-

(¹) Comunicação apresentada à X reunião da sociedade Anatómica Portuguesa. Porto 1944.

vação simpática do membro superior (Guillaume). Danielopolu, em face da existência de fibras sensitivas preconizou a sua secção como tratamento da angina de peito. Daqui advém o grande interesse que possui o estudo da origem e morfologia do nervo vertebral, precisamente como contribuição à cirurgia do simpático

Este assunto já tem sido estudado por vários autores, dentre eles devemos destacar os Profs. Hernani Monteiro e Álvaro Rodrigues.

Hoje apresento-vos as observações por nós feitas no curso das dissecções do simpático cervical, de ambos os lados, praticadas em 50 cadáveres de fetos a termo.

Ao estudarmos o simpático cervical não podíamos deixar de fazer o estudo da origem e morfologia do nervo vertebral e a sistematização dos ramos comunicantes profundos.

Seguimos o nervo vertebral desde a sua origem até ao buraco trasversário do atlas. Observamos as suas relações com a artéria vertebral e os ramos comunicantes profundos que dele emanam.

Vamos ver em primeiro lugar o que observamos quanto à origem do nervo vertebral em três tipos:

Tipo A: — O nervo vertebral com origem no gânglio estrelado. Nos 50 exemplares observamos este facto 46 vezes à direita e 48 à esquerda. O número de raízes era variável, mas não ultrapassava no entanto o número de 4, o que se verificou em 5 exemplares à direita. O número mais frequente foi o de três raízes (em 25 exemplares à direita e 28 à esquerda) e o menos frequente o de uma raiz (em três exemplares à esquerda).

Estas raízes encostam-se à artéria vertebral e penetram com ela no buraco transversário da 6.^a vértebra cervical. Algumas vezes antes e outras vezes já dentro do canal transversário emitem ramos que

se anastomosam e entrelaçam constituindo assim o plexo da artéria vertebral. No entanto um ou dois troncos mantêm-se individualizados e sobem ao longo da artéria até ao axis ou atlas. É destes troncos que se desprendem os ramos comunicantes profundos para os pares raquídeos e muitos ramos para o plexo da artéria vertebral. Estes ramos comunicantes profundos são variáveis quanto ao número. Nós tivemos ocasião de observar várias disposições, no entanto, o maior número que observamos ia do 3.º ao 7.º par, o que verificámos apenas em 5 exemplares. Na maioria dos casos, os comunicantes profundos distribuían-se ao V, VI e VII pares raquídeos, havendo no entanto algumas vezes um comunicante para o VII par.

Com Hernani Monteiro e Álvaro Rodrigues, consideramos raízes acessórias do nervo vertebral, alguns delgados filetes que se desprendem do gânglio cervical médio, quando existe, ou do cordão do simpático um pouco acima do gânglio estrelado. Atravessam o músculo longo do pescoço e penetram no canal transversário diluindo-se no plexo da artéria vertebral, dando por vezes um ou mais comunicantes profundos.

Estas raízes acessórias, em número de 1, 2, 3, ou 4, verificam-se com uma certa frequência, pois encontrámo-las na maioria dos nossos exemplares.

Tipo B: — Nervo vertebral com origem no gânglio cervical médio. Só encontramos este tipo em dois exemplares do lado esquerdo; figs. 1 e 2. Não havia anomalia da artéria vertebral. O nervo vertebral, bastante volumoso em ambos os exemplares, saía do gânglio cervical médio e penetrava no buraco transversário da 5.ª vértebra cervical.

Ao atingir o canal transversário dividia-se em dois ramos, um descendente que fornecia os comunicantes profundos para C. VI e C. VII e inúmeros

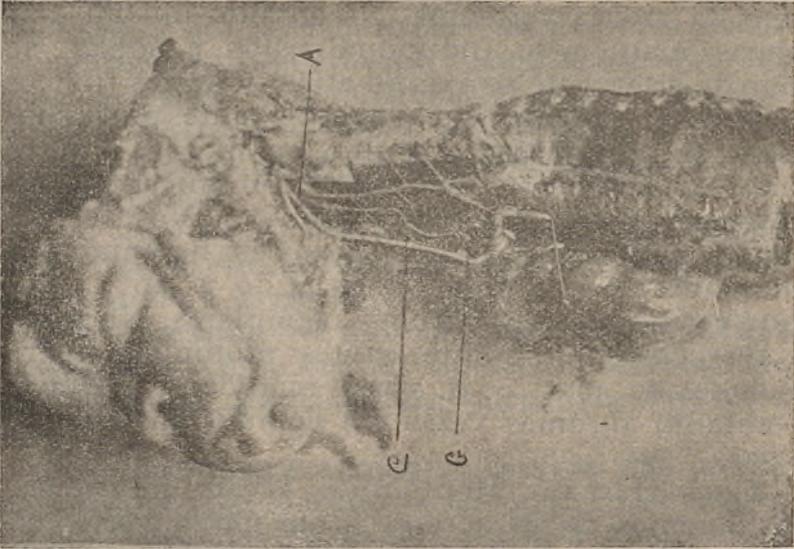


Fig. 2

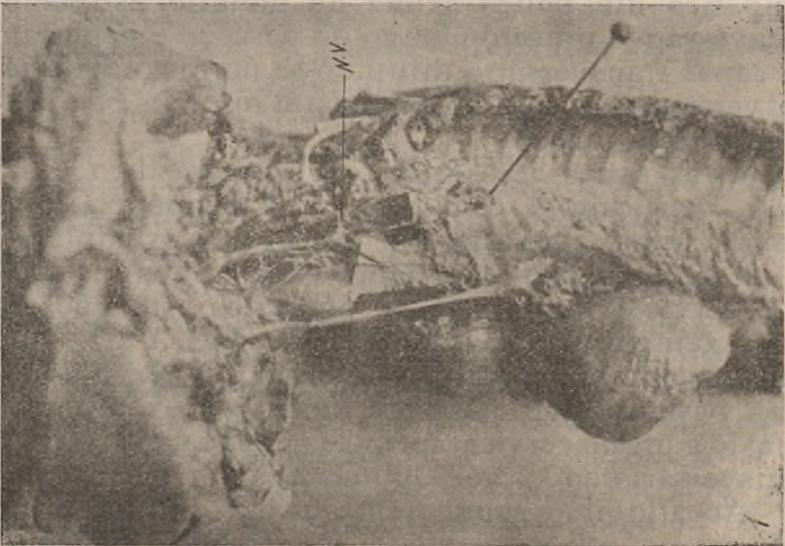


Fig. 1

...VI e C VII e ...

ramos que formavam o plexo da artéria vertebral até fora do buraco transversário da 6.^a cervical, onde se perdia. Outro ascendente que se resolvia em uma multidão de ramos constituintes do plexo da artéria, tendo fornecido antes os comunicantes profundos para C. V e C. IV, perdendo a sua individualização por alturas do axis.

Apesar de ter procedido com todo o cuidado não consegui isolar nenhum filete que acompanhasse a artéria vertebral e penetrasse no buraco transversário da 6.^a cervical. Por isso e pela sua distribuição, fornecendo os comunicantes profundos não só para cima mas também para baixo da sua emergência e formando o plexo da artéria vertebral, presumo tratar-se do nervo vertebral com uma origem anómala. Veluda e Cabanac relatam cada um seu caso em que o nervo vertebral tinha origem no gânglio cervical médio e penetrava no buraco da 5.^a cervical, mas em ambos os casos havia anomalia de posição da artéria vertebral. Ora nos dois exemplares não havia anomalia da artéria vertebral.

Hernani Monteiro e Álvaro Rodrigues descrevem um caso em que o nervo vertebral tinha duas raízes inferiores com origem no gânglio estrelado e uma raiz superior com origem no gânglio cervical médio e penetrava no buraco da 5.^a vértebra cervical; não havia anomalia da artéria vertebral.

Nos nossos exemplares, de lado oposto não havia gânglio cervical médio e as origens do nervo vertebral eram normais.

Tipo C: Nervo vertebral com origem em pleno cordão do simpático cervical, aproximadamente na união do terço médio com os dois terços inferiores e penetrando no canal transversário pelo buraco da 4.^a vértebra cervical. O presumível nervo vertebral encontrava-se em dois exemplares e de ambos os lados figs. 3 e 4; 5 e 6.

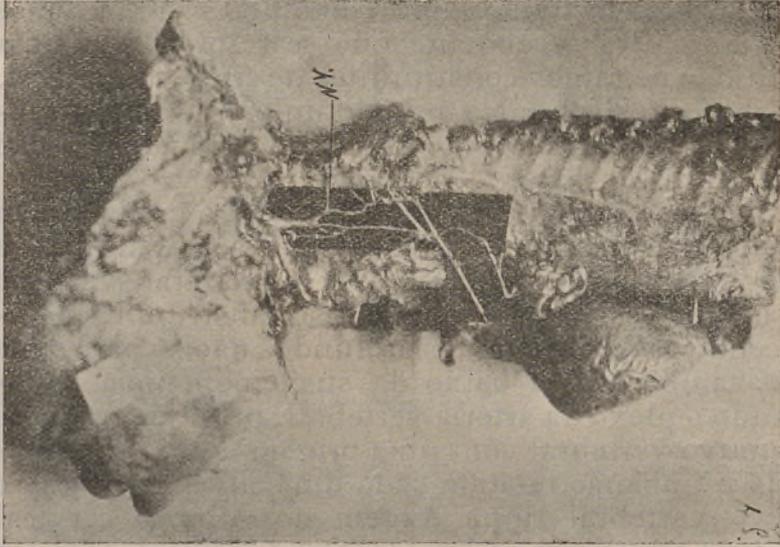


Fig. 4



Fig. 3

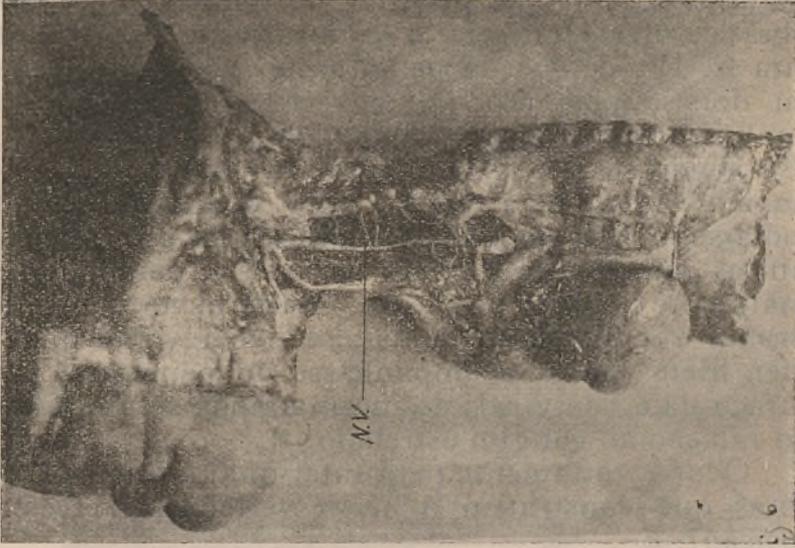


Fig. 6

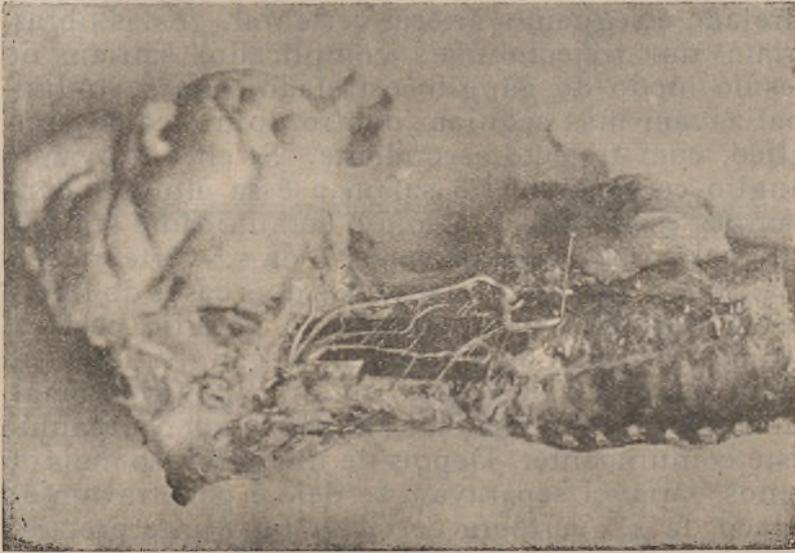


Fig. 5

Era um tronco de calibre regular e bastante volumoso. Antes de penetrar no buraco da 4.^a vértebra cervical fornecia o comunicante superficial para C. IV; depois de penetrar no canal dividia-se em dois ramos, um descendente que fornecia os comunicantes profundos para C. V, C. VI e C. VII, resolvendo-se depois em inúmeros ramos que formavam o plexo da artéria. Outro ascendente que se podia seguir até ao atlas, fornecendo no seu trajecto muitos ramos para o plexo da artéria, perdendo-se finalmente no referido plexo. A artéria vertebral era normal e a dissecação cuidadosa não revelou qualquer filete que a acompanhasse ou penetrasse no buraco da 6.^a cervical; do mesmo modo se procedeu em relação ao gânglio estrelado.

Ocorre certamente perguntar qual a origem das fibras que constituem o nervo vertebral com esta posição?

Nós presumimos que estas fibras têm a mesma origem que as do nervo vertebral que sai do gânglio estrelado e seguem a artéria vertebral. Estas fibras, teriam um trajecto mais complicado, sairiam do mesmo modo do gânglio estrelado, não se individualizavam mas seguiam dentro do tronco do simpático, com trajecto ascendente. Se encontravam o gânglio cervical médio saíam a essa altura e dirigiam-se, possivelmente com o comunicante superficial, para o buraco transversário da 5.^a vértebra cervical; fig. 7 é a interpretação dos dois casos do tipo B (nervo vertebral com origem no gânglio cervical médio). Se não encontravam o gânglio cervical médio saíam à altura do 4.^o comunicante superficial, e abandonavam o tronco do simpático em companhia deste comunicante. Depois de um percurso mais ou menos variável separavam-se dele e penetravam no buraco da 4.^a vértebra cervical; fig 8 interpretação que nós podemos dar aos dois casos do tigo C. Pre-

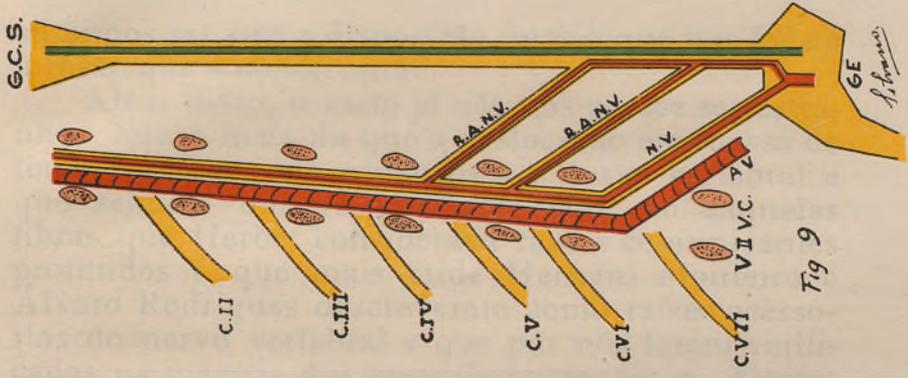


Fig. 9

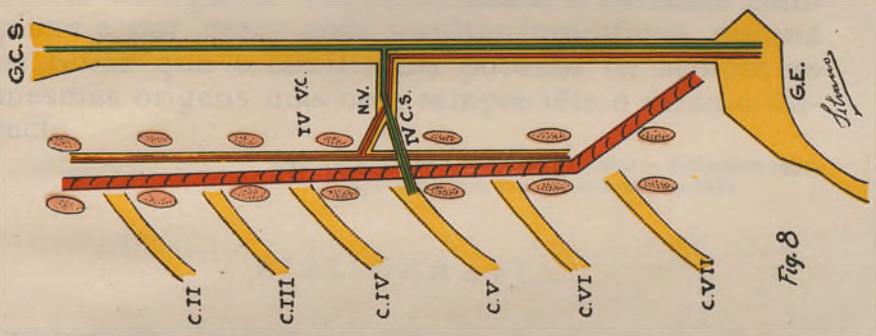


Fig. 8

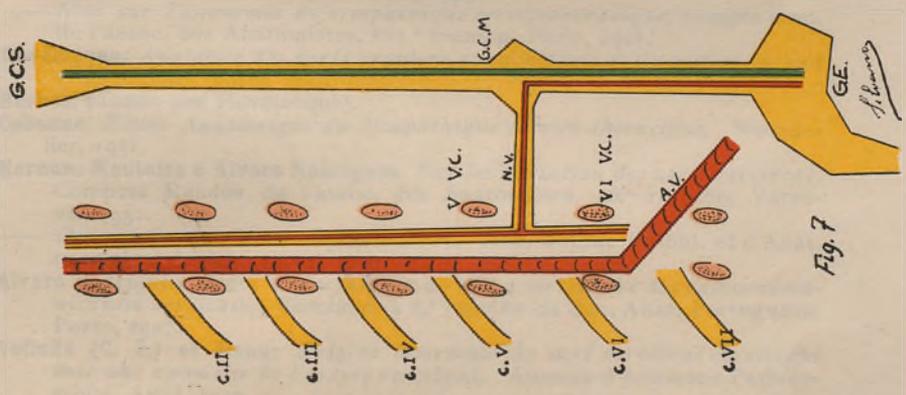
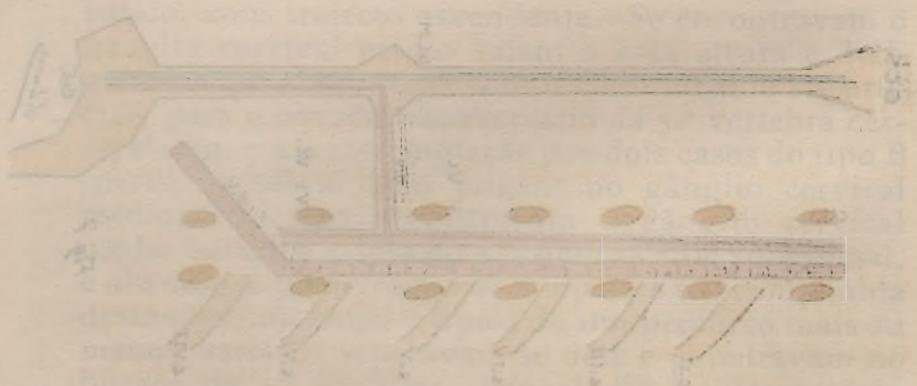
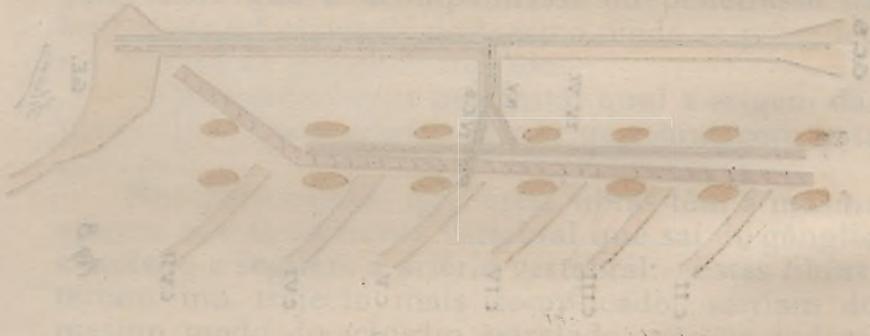


Fig. 7



sumimos ser esta a disposição, mas o que nos foge é a razão que a condiciona.

Além disso, o facto já não nos parece ser estranho. Não é mais do que a deslocação em massa de todas as fibras que constituem o nervo vertebral e que seguem um trajecto semelhante ao daquelas fibras que Herbet considerava ramos comunicantes profundos e que mais tarde Hernani Monteiro e Álvaro Rodrigues descreveram como raízes acessórias do nervo vertebral e que por nós foram verificadas na maioria dos casos descritos, fig. 9. Destas observações podemos tirar a seguinte conclusão:

A cirurgia do nervo vertebral é bastante complexa e por vezes pode resultar improffica, porque as fibras que o constituem poderão ter sempre as mesmas origens mas nem sempre têm o mesmo trajecto.

Laboratório de Anatomia Normal — Coimbra 1944.
Director Prof. Dr. Maximino Correia.

BIBLIOGRAFIA

- Danielopolu:** *L'angine de Postrini et l'angine abdominal*, Paris, 1927.
- Guillaume:** *Note relative à l'Anatomie du nerf vertebral*. Bull. et men. de la Soc. Anatomique de Paris, pág. 394.
- *Note sur l'anatomie du sympathique cervicothoracique*; compts rend. de l'assoc. des Anatomistes, xvi.^a reunion, Paris, 1921.
- Hovelacque:** *Anatomie des nerfs craniens et rachidiens et du systeme grand sympathique*, Paris, 1927.
- Herbet:** (citado por Hovelacque).
- Cabanac:** *Etude Anatomique du Sympathique cervico-thoracique*. Montpellier, 1931.
- Hernani Monteiro e Álvaro Rodrigues:** *Sur les variation des nerfs vertebral*. Comptes Rendus de l'assoc. des Anatomistes, 26.^a reunion, Varsovie, 1931.
- *Origine anormale du nerf vertebral*. Ann. d'Anat. Pathol. et d'Anat. normal med. chir. iv.^o 4, 1929.
- Álvaro Rodrigues:** *Sobre a morfologia do nervo vertebral e dos ramos comunicantes cervicais*. Comunic. à 2.^a reunião da Soc. Anat. Portuguesa, Porto, 1927.
- Velluda (G. C.) et Jianu:** *Origine anormale du nerf vertebral coexistant avec une anomalie de l'artere vertebral*. Annales d'Anatomie Pathologique, Avril, 1926.
- Cabanac:** Citado por Álvaro Rodrigues.

FOLIA ANATOMICA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

VOL. XX

N 12

SOBRE O ALONGAMENTO RESPECTIVO
DO 2.º E 4.º DEDO DA MÃO ¹

(ESTUDO FEITO EM DELINQUENTES)

POR

ABEL S. TAVARES

2.º Assistente do Instituto de Anatomia do Porto

(Recebido pela Redacção em 15 de Julho de 1945)

No tomo XXII, n.º 2 (1944) dos *Archives de l'Institut Pasteur d'Algérie* publicou Étienne Sergent uma nota intitulada «D'un nouvel indice somatique, l'indice digital, dans les races humaines et chez les quadrumanes», da qual traduzo as seguintes passagens:

«Chamamos *índice digital* à relação entre o comprimento do indicador e o do anular duma mesma mão. Dizemos que um indivíduo tem o índice digital A, quando o seu anular é mais comprido que o indicador; o índice I, quando o indicador é mais comprido que o anular e o índice =, quando o anular e o indicador têm o mesmo comprimento.»

¹ Comunicação apresentada à XI Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa (Lisboa, 1945).

Mais adiante diz ainda:

«1.º As duas mãos dum mesmo indivíduo têm o mesmo índice digital; ele é muitas vezes mais acentuado na mão esquerda;

2.º O índice não muda com a idade;

3.º É pouco mais ou menos o mesmo nos dois sexos.»

Depois expõe alguns resultados das suas pesquisas que foram realizadas em mais de 9.000 indivíduos, das diferentes raças humanas actualmente existentes, das raças prè-históricas e de diferentes espécies de quadrumanos.

É precisamente o grande número de indivíduos que o autor estudou a única parte valiosa de tal trabalho, porquanto só uma pesquisa bibliográfica muito superficial, ou a ausência de qualquer pesquisa, pôde permitir que E. Sergent nos viesse propor em 1944 o seu índice somático, baseado num pormenor antropológico já tão estudado e conhecido. Não é necessário, na verdade, percorrer numerosa bibliografia para encontrar múltiplos estudos feitos acerca das diferenças de comprimento entre o 2.º e o 4.º dedo. Enumerarei alguns dos trabalhos sobre este assunto, baseando-me em grande parte nos dados bibliográficos colhidos na tese de doutoramento há meses apresentada à Faculdade de Ciências da nossa Universidade pela Sr.^a Dr.^a D. Leopoldina Paulo, para cuja elaboração fez um estudo pormenorizado de várias características antropológicas da mão, apoiando-se em numerosas observações realizadas em estudantes e em recrutas da guarnição militar do Porto. Entre outras, estudou também o alongamento respectivo do 2.º e 4.º dedo.

Do mesmo modo, o tratado de Antropologia de R. Martin (1928) foca este problema (pág. 402). Mas estudos desta ordem vêm já duma época muito mais posterior e entre as pesquisas mais antigas se citam

as de Ecker (1875), Mantegazza (1887), Grüning (1885), Weissenberg (1895), Virchow (1898), Feré (1900), Daffner (1902). Mais posteriores são já os trabalhos de Ranke, Wolotzkoi, Schultz, Schlaginhaufen, Romich, Steggerd e Millar, Koenner, Wecheler, etc. E até num número da interessante revista distribuída pela casa Ciba (*Actas Ciba*) de Novembro de 1941, dedicado a diferentes assuntos sobre a mão, lá vem também focado o problema do alongamento respectivo do 2.º e 4.º dedo. Vê-se pois que não é novo o índice proposto por E. Sergent.

Foi, todavia, a leitura do seu trabalho que lembrou a realização deste estudo. Sugeriu-a o Sr. Prof. H. Monteiro e foi possível, graças às facilidades concedidas pelo Sr. Prof. Luís de Pina, que pôs à minha disposição, para esse fim, o Instituto de Criminologia, que proficientemente dirige. Só lamentação não serem muito numerosos os indivíduos que tive oportunidade de estudar. Incompatibilidades das minhas horas livres com o horário da Cadeia Civil do Porto explicam-no em grande parte.

Fiz o estudo em 134 delinquentes da Cadeia Civil do Porto, do sexo masculino, na sua maioria do norte do País e do distrito do Porto, de condição humilde e cujas idades oscilavam entre os 16 e os 60 anos.

A técnica empregada foi a do estudo do desenho do contorno da mão, seguindo o trilho já pisado por Wechsler e L. Paulo, e, até certo ponto, semelhante à usada por Sergent.

Não me limitei a estudar apenas uma das mãos, como mais correntemente se faz (Sergent preconiza o estudo exclusivo da mão esquerda); estudei-as ambas, para verificar a simetria ou assimetria das disposições encontradas.

Ao contrário do que Sergent afirma «que as duas mãos dum mesmo indivíduo têm o mesmo índice

digital» (logo a seguir o mesmo Sergent afirma que tal índice é mais acentuado na mão esquerda; todavia não consigo alcançar o significado de tal frase, isto é, qual o conceito que envolve a expressão «mais ou menos acentuado», mas, de qualquer modo, querendo bem por certo exprimir a existência duma certa assimetria), ao contrário, como ia dizendo, do que esse autor afirma, e em concordância com as verificações já antigas de Weissenberg e as mais recentes de Koenner, pude verificar no meu estudo a existência de assimetrias numerosas. Assim é que, a par de numerosos casos em que dum lado o 4.^o dedo era muito mais longo que o 2.^o, por exemplo, e do lado oposto essa diferença era muito mais leve, outros encontrei nos quais dum lado e doutro havia disposições completamente diferentes. É o que se vê nos quadros seguintes (Quad. I e Quad. II) que resumem os resultados das minhas observações:

QUADRO I

Em 134 observações:

c/ disposição semelhante à direita e à esquerda (o mesmo i. digital)	118 casos — 88,1 0/0
c/ disposição diferente à direita e à esquerda (i. digital diferente)	16 casos — 11,9 0/0

QUADRO II

	Mão direita	Mão esquerda
4. ^o > 2. ^o	116 — 86,6 0/0	107 — 79,8 0/0
4. ^o = 2. ^o	11 — 8,2 0/0	15 — 11,1 0/0
2. ^o > 4. ^o	7 — 5,2 0/0	12 — 9,1 0/0

É óbvio que o pequeno número de casos estudados me não permite tirar conclusões definitivas, mas mostra claramente a grande frequência das diferenças que, neste ponto de vista, se patenteiam entre as duas mãos dum mesmo indivíduo.

Vê-se que, segundo os resultados que obtive, a disposição mais frequente deve ser $4.^{\circ} > 2.^{\circ}$ (respectivamente 86,6 0/0 para a mão direita e 79,8 0/0 para a mão esquerda). E. Sergent, que nos traz o resultado de pesquisas muito mais numerosas, apresenta-nos para o que ele chama o índice A e que corresponde à disposição $4.^{\circ} > 2.^{\circ}$, o quadro seguinte:

QUADRO III

Raças humanas = índice A = 56,4 0/0 (5.123 em 9.075)

Índice A

77,3 0/0 (201 em 260)	Indígenas de Madagascar
73 0/0 (1.823 em 2.497)	Indígenas da A. O. F. e da A. E. F.
62,6 0/0 (1.021 em 1.630)	Indígenas argelinos
59,6 0/0 (173 em 290)	Indígenas da América do Sul (Argentina, Bolívia, Colúmbia, Equador e Peru)
59,1 0/0 (68 em 115)	Indígenas da Austrália
45,2 0/0 (914 em 2.022)	Europeus (mais turcos e palestinos)
41 0/0 (912 em 2.224)	Indígenas da Ásia
30 0/0 (11 em 37)	Homens pré-históricos

No quadro que se segue (Quadro IV), compararam-se as percentagens obtidas por Sergent (para os

Europeus) George, Wechsler, L. Paulo e por mim (para as duas mãos):

QUADRO IV

	Idades	N.º de casos	4.º > 2.º	4.º = 2.º	2.º > 4.º
George	?	201	130—65,0%	31—15,0%	40—20,0%
Wechsler	18 X	58	40—69,0%	3— 5, %	15—25,8%
L. Paulo	20-24	402	248—61,7%	95—23,6%	59—14,7%
Sergent	?	2.022	914—45,2%	?	?
S. Tavares (M. D.) .	16-60	134	116—86,6%	11— 8,2%	7— 5,2%
S. Tavares (M. E.) .	16-60	134	107—79,8%	15—11,1%	12— 9,1%

Vê-se, por estes resultados, que a disposição 4.º > 2.º parece, de facto, a mais frequente, para os Europeus pelo menos, ao contrário do que é considerado por Ecker, Weber, Carus, Hyrtl, Schaafhausen e Ranke, para os quais, na maior parte dos casos, 2.º > 4.º Vê-se também que as percentagens que obtive (respectivamente 86,6%, para a mão direita, e 79,8%, para a mão esquerda) foram as mais elevadas e muito mais próximas das apresentadas por George (65%), Wechsler (69%) e L. Paulo (61,7%) do que da obtida por E. Sergent (45,2%). Esta última percentagem, inferior aos 50%, não nos permite concluir com segurança que as observações de Sergent mostram ser a disposição 4.º > 2.º a mais vulgar.

Este autor nada nos diz sobre as percentagens de casos de $2.^{\circ} = 4.^{\circ}$ e de $2.^{\circ} > 4.^{\circ}$. Todavia, é lógico pensar-se que os restantes 54,8% se têm de repartir entre os casos de $2.^{\circ} > 4.^{\circ}$ e de $2.^{\circ} = 4.^{\circ}$ e por isso é, até certo ponto, legítimo ficar-se com a ideia de que ainda, nas observações de Sergent, não deve ser a disposição $2.^{\circ} > 4.^{\circ}$ a mais frequente. De qualquer modo se não pode esquecer que os resultados obtidos por este autor se estribam em observações muito numerosas e isso confere-lhes especial valor.

Para os portugueses, pela estatística de L. Paulo e pela minha, se vê ser a disposição $4.^{\circ} > 2.^{\circ}$ a mais frequente. L. Paulo observou mais de o dobro de casos que eu. Todavia, enquanto a sua estatística incidiu apenas sobre indivíduos dos 20 aos 24 anos, eu tive ocasião de estudar indivíduos, cujas idades estavam compreendidas entre os 16 e os 60 anos. Para verificar até que ponto isso poderia ter importância na valorização dos resultados que obtive, reparti os casos estudados por idades:

QUADRO V

A. MÃO DIREITA

Idades	N.º de casos	$4.^{\circ} > 2.^{\circ}$	$4.^{\circ} = 2.^{\circ}$	$2.^{\circ} > 4.^{\circ}$
16 aos 30	68	61 — 89,7%	5 — 7,3%	2 — 2,9%
30 aos 50	57	48 — 84,2%	6 — 10,5%	3 — 5,2%
> 50	9	7 — 77,7%	0	2 — 22,3%

B. MÃO ESQUERDA

Idades	N.º de casos	4.º > 2.º	4.º = 2.º	2.º > 4.º
16 aos 30	68	55 — 80,9 0/0	9 — 13,2 0/0	4 — 5,9 0/0
30 aos 50	57	46 — 80,7 0/0	5 — 8,7 0/0	6 — 10,5 0/0
> 50	9	7 — 77,7 0/0	0	2 — 22,3 0/0

Sergent afirma que o «seu índice» não muda com a idade, donde se conclui que devem ser sensivelmente as mesmas as percentagens encontradas em lotes de indivíduos de idades diferentes, pertencentes ao mesmo agrupamento étnico.

Weissenberg, pelo contrário, notou que, se a relação 4.º > 2.º é a predominante, nas crianças até aos 10 anos se verifica com maior frequência o dispositivo 2.º > 4.º. As minhas observações, pelo que se mostra no Quadro V, embora não tivesse ocasião de estudar crianças, afastam-se completamente destas conclusões. Com efeito, vê-se que, em ambas as mãos, as percentagens dos tipos 4.º > 2.º vão diminuindo de lote de indivíduos para lote de indivíduos à medida que a sua idade sobe e, ao mesmo tempo vão aumentando as percentagens dos tipos 2.º > 4.º. Em todos os lotes, porém, a disposição 4.º > 2.º predomina tudo isto mostra bem o Quadro VI:

QUADRO VI

		16 aos 30	30 aos 50	> 50
A. MÃO DIREITA	4.º > 2.º	89,7 0/0	84,2 0/0	77,7 0/0
	2.º > 4.º	2,9 0/0	5,2 0/0	22,3 0/0
B. MÃO ESQUERDA	4.º > 2.º	80,9 0/0	80,7 0/0	77,7 0/0
	2.º > 4.º	5,9 0/0	10,5 0/0	22,3 0/0

As percentagens obtidas para o dispositivo 4.º=2.º, em relação à idade, não são de molde a que se tirem quaisquer conclusões.

Para a devida valorização dos resultados que obtive, há a notar a diminuta quantidade de indivíduos com mais de 50 anos (9), que pude examinar, em face do número de observandos entre os 16 e os 30 (68) e o daqueles cujas idades oscilavam entre os 30 e os 50 (57). Isto e os resultados contraditórios a que chegaram diferentes autores, pedem observações muito numerosas, para sobre este pormenor se poder tirar qualquer conclusão definitiva. Seja como for, concebe-se «a priori» que E. Sergent tenha razão, pois é lógico pensar-se que a proporção métrica entre o 2.º e o 4.º dedo, pelo menos depois de terminado o crescimento, se deve manter imutável durante toda a vida do indivíduo. Julgo também que o dispositivo encontrado num determinado indivíduo depende exclusivamente de factores hereditários e não de factores externos, profissionais ou outros, embora, com o rolar das gerações, factores mesológicos persistentes possam, nesta como noutras circunstâncias, influir grandemente nos factores hereditários.

Relacionando-se até certo ponto com estes factos, julguei de muito interesse verificar que relações haveria entre o dispositivo encontrado e o tipo morfológico. Em 1932, tinha já Romich feito um estudo no qual relaciona as diferenças encontradas entre o 2.º e o 4.º dedo com o aspecto que a mão toma em dois tipos constitucionais que considera e descreve: o tipo progressivo (mão comprida e delgada) e o tipo conservativo (mão curta). Já em 1922, entre nós, Aurélio da Costa Ferreira tinha feito um estudo de relação do tipo constitucional com um pormenor morfológico da mão, a morfologia do polegar. Infelizmente, este estudo feito apenas em 4 indivíduos seleccionados, perde por isso mesmo quase todo o seu valor.

Nesta ordem de ideias, resolvi estudar simultaneamente os tipos morfológicos dos meus observandos. Entre as diferentes classificações biotipológicas escolhi a de Sigaud e Mac-Auliffe, sem dúvida menos científica e menos exacta, mas muito mais expedita e, por isso mesmo, mais facilmente utilizável na clínica. Os métodos mais científicos, como o de Viola, são muito morosos e complicados pelos cálculos a que obrigam e afastam-se da realidade clínica, pois, baseando-se exclusivamente em medidas e cálculos de rigor matemático, não entram em linha de conta com a impressão causada ao observador pelo aspecto geral do indivíduo.

Tive dificuldades em classificar grande número dos meus observandos, muitos deles modificados no seu aspecto somático pela sedentariedade resultante da larga permanência na cadeia, outros pelas alterações que a idade acarreta à morfologia dos indivíduos. Alguns mesmo não pude classificar. Os resultados obtidos estão condensados nos Quadros VII e VIII:

QUADRO VII

A. MÃO DIREITA

1.º	4.º > 2.º	4.º = 2.º	2.º > 4.º	
Resp.	61 — 87,1 %	6 — 8,5 %	3 — 4,2 %	70
Musc.	17 — 94,4 %	1 — 5,6 %	0	18
Dig.	25 — 82,1 %	1 — 3,5 %	2 — 7,1 %	28
Cereb.	7 — 77,7 %	2 — 22,3 %	0	9
Indet.	6 —	1 —	2 —	9
	116	11	7	

B. MÃO ESQUERDA

Tipo	4.º > 2.º	4.º = 2.º	2.º > 4.º	
Resp.	57 — 81,4 %	8 — 11,4 %	5 — 7,1 %	70
Musc.	16 — 88,8 %	1 — 5,5 %	1 — 5,5 %	18
Dig.	25 — 82,1 %	2 — 7,1 %	1 — 3,5 %	28
Cereb.	5 — 55,1 %	2 — 22,3 %	2 — 22,3 %	9
Indet.	4 —	2 —	3 —	9
	107	15	12	

QUADRO VIII

M. D.	{	4.º > 2.º — Musc. > Resp. > Dig. > Cereb.
		4.º = 2.º — Cereb. > Resp. > Musc. > Dig.
		2.º > 4.º — Dig. > Resp. > Cereb. e Musc.
M. E.	{	4.º > 2.º — Musc. > Dig. > Resp. > Cereb.
		4.º = 2.º — Cereb. > Resp. > Dig. > Musc.
		2.º > 4.º — Cereb. > Resp. > Musc. > Dig.

Verifica-se pelo exame desses quadros que em todos os tipos morfológicos predomina o dispositivo 4.º > 2.º e que esse predomínio é máximo nos musculares e mínimo nos cerebrais. Estes factos são igualmente verificáveis nos resultados colhidos para a mão direita e nos obtidos para a mão esquerda. Estudos ulteriores, que incidam sobre observações mais numerosas permitirão, sem dúvida, confirmar ou infirmar a exactidão destes resultados e tirar mais seguras e mais numerosas conclusões.

Faculdade de Medicina do Porto, 26 de Maio de 1945.

BIBLIOGRAFIA

- Leopoldina F. Paulo** — *Alguns caracteres morfológicos da mão nos portugueses* (tese). Porto, 1944.
- Luis Duarte Santos** — *Biotipologia humana*. Coimbra, 1941.
- Sergent (Étienne)** — *D'un nouvel indice somatique, l'indice digital, dans les races humaines et chez les quadrumanes (première note)*, in «Archives de l'Institut Pasteur d'Algérie», t. XXII, n.º 2, 1944.
- A. da Costa Ferreira** — *Algumas considerações sobre a morfologia da mão* in «Arquivo de Medicina Legal», vol. II. Lisboa, 1922.
- R. Martin** — «Lehrbuch der Anthropologie». Jena, 1928, pág. 402.
- Otto Schlaginhaufen** — *Beobachtungen über die Handform bei Schweizern*, in «Bulletin der schweizerischen Gesellschaft für Anthropologie und Ethnologie», 1931, pág. 132.
- Adolphe Schultz** — *La croissance foetale chez l'homme et autres primates* in «Bulletin de la Société d'Étude des Formes Humaines», n.º 4, 1927.
- S. Romich** — *Fingerlängen bei verschiedenen Konstitutionstypen*, in «Anthropologischer Anzeiger», 1932.
- A. Ecker** — *Bemerkungen über die Hand des Menschen*, in «Arch. Anthrop.», Bd. 8, S. 67, 1875.
- Grüning** — *Über die Länge der Finger und Zehen bei einigen Volkerstammen*, in «Arch. Anthrop.», Bd. 16, S. 511, 1885.
- Weissenberg** — *Über die Formen der Hand und des Fusses*, in «Zschr. Ethnol.», Bd. 27, S. 82-111, 1895.
- Koerner** — *Ein Beitrag zur Morphologie der Hand*, in «Verhandlungen der Deutschen Gesellschaft für Rassenforschung», vol. IX. Estugarda, 1938.
- *Antropologische und morphologische Beobachtungen an der menschlichen Hand*, in «Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien», vol. LXVII, f. III-IV. Viena, 1938.
- Wechsler** — *Anthropologische Untersuchung der Handform mit einem familienkundigen Beitrag*, in «Arch. der Klaus», vol. XIV. Zurich, 1939.



F O L I A A N A T O M I C A
U N I V E R S I T A T I S
C O N I M B R I G E N S I S

(Propriété du Laboratoire d'Anatomie et de l'Institut d'Histologie et d'Embryologie)

EDITEUR: PROF. MAXIMINO CORREIA

Les FOLIA ANATOMICA UNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS
publient des mémoires originaux et des études d'Anatomie descriptive et

Vol. XX

NATOMICA
CONIMBRIGENSIS

BIBLIOGRAFIA

- Leopoldina F. Paulo — *Alguns caracteres morfológicos da mão nos portugueses* (tese). Porto, 1944.
- Luis Duarte Santos — *Biotipologia humana*. Coimbra, 1941.
- Sergent (Étienne) — *D'un nouvel indice somatique, l'indice digital, dans les races humaines et chez les quadrumanes (première note)*, in «Archives de l'Institut Pasteur d'Algérie», t. XXII, n.º 2, 1944.
- A. da Costa Ferreira — *Algumas considerações sobre a morfologia da mão* in «Arquivo de Medicina Legal», vol. II. Lisboa, 1922.
- R. Martin — «Lehrbuch der Anthropologie». Jena, 1928, pág. 402.
- Otto Schlaginhaufen — *Beobachtungen über die Handform bei Schweizern*, in «Bulletin der schweizerischen Gesellschaft für Anthropologie und Ethnologie», 1931, pág. 132.
- Adolphe Schultz — *La croissance foetale chez l'homme et autres primates* in «Bulletin de la Société d'Étude des Formes Humaines», n.º 4, 1927.
- S. Romich — *Fingerlängen bei verschiedenen Konstitutionstypen*, in «Anthropologischer Anzeiger», 1932.
- A. Ecker — *Bemerkungen über die Hand des Menschen*, in «Arch. Anthrop.», Bd. 8, S. 67, 1875.
- Grüning — *Über die Länge der Finger und Zehen bei einigen Volkerstammen*, in «Arch. Anthrop.», Bd. 16, S. 511, 1885.
- Weissenberg — *Über die Formen der Hand und des Fusses*, in «Zschr. Ethnol.», Bd. 27, S. 82-111, 1895.
- Koerner — *Ein Beitrag zur Morphologie der Hand*, in «Verhandlungen der Deutschen Gesellschaft für Rassenforschung», vol. IX. Estugarda, 1938.
- *Antropologische und morphologische Beobachtungen an der menschlichen Hand*, in «Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien», vol. LXVII, f. III-IV. Viena, 1938.
- Wechsler — *Anthropologische Untersuchung der Handform mit einem familienkundigen Beitrag*, in «Arch. der Klaus», vol. XIV. Zurich, 1939.



CONDITORES

† PROF. BASÍLIO FREIRE — † PROF. GERALDINO BRITES — PROF. MAXIMINO CORREIA

FOLIA ANATOMICA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

MODERATORES

PROF. MAXIMINO CORREIA — PROF. A. TAVARES DE SOUSA

COLLABORANT

ALTE (J. A. MARTINS D'), CÔRTE-REAL (EUGÉNIO), DOMINGUEZ (JOSÉ LUIS PUENTE), GARRETT (JOSÉ), MARQUES (SILVANO), MARTIN (A. FERNANDEZ), MOITAS (ÁLVARO), RIBEIRO (C. STRECHT), TAVARES (ABEL S.)

Vol. XX



1945

«COIMBRA EDITORA»
MCMXLV

FOLIA ANATOMICA
VNIVERSITATIS
CONIMBRIGENSIS

MDCCCXXXV

FOLIA ANATOMICA
VNIVERSITATIS
CONIMBRIGENSIS



ADIMBRA EDITOR
NONA

CONDITORES

† PROF. BASÍLIO FREIRE — † PROF. GERALDINO BRITES — PROF. MAXIMINO CORREIA

FOLIA ANATOMICA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

MODERATORES

PROF. MAXIMINO CORREIA — PROF. A. TAVARES DE SOUSA

COLLABORANT

ALTE (J. A. MARTINS D'), CÔRTE-REAL (EUGÉNIO), DOMINGUEZ (JOSÉ LUIS
PUENTE), GARRETT (JOSÉ), MARQUES (SILVANO), MARTIN (A. FERNANDEZ),
MOITAS (ÁLVARO), RIBEIRO (C. STRECHT), TAVARES (ABEL S.)

Vol. XX



1 9 4 5

«COIMBRA EDITORA»
MCMXLV



CONDITORES

Prof. Dr. Maximo Correa — Prof. Dr. Alberto Barros — Prof. Dr. Maximo Correa

FOLIA ANATOMICA
UNIVERSITATIS
CONIMBRIGENSIS

MODERATORES

Prof. Dr. MAXIMINO CORREIA — Prof. Dr. ALBERTO BARROS — Prof. Dr. MAXIMINO CORREIA

COLLABORATORES

Prof. Dr. ALBERTO BARROS — Prof. Dr. MAXIMINO CORREIA — Prof. Dr. ALBERTO BARROS — Prof. Dr. MAXIMINO CORREIA — Prof. Dr. ALBERTO BARROS — Prof. Dr. MAXIMINO CORREIA — Prof. Dr. ALBERTO BARROS — Prof. Dr. MAXIMINO CORREIA



Vol. II

COIMBRA EDITORA

MCMXXIV

I N D E X

	N N
ALTE (J. A. MARTINS D'): <i>Diagnóstico de um pseudo-hermafrodito masculino humano antes do baptismo.</i>	1
CÔRTE-REAL (EUGÉNIO): <i>Contribuição para o estudo da histofisiologia suprarrenal.</i>	3
— <i>Aspectos do aparelho de Golgi na cortical da suprarrenal</i>	7
DOMINGUEZ (JOSÉ LUIS PUENTE): <i>Sistema frénico-simpático no Homem</i>	5
GARRETT (JOSÉ): <i>Anoniquia e Onicatrofia familiar congénita</i>	8
MARQUES (SILVANO): <i>A propósito das relações anastomóticas entre o vago e o simpático</i>	10
— <i>Algumas considerações sobre a morfologia do nervo vertebral</i>	11
MARTIN (A. FERNANDEZ): <i>Estudio anatómico del «Torus Palatinus»</i>	6
— <i>Multiples variedades anatómicas observadas en un mismo cadaver. descripción de algunas anomalias angiológicas.</i>	9
MOITAS (ÁLVARO): <i>Estudo duma vitela celossomiana</i>	4
RIBEIRO (C. STRECHT): <i>Os paragânglios cardiacos do feto humano</i>	2
TAVARES (ABEL S.): <i>Sobre o alongamento respectivo do 2.º e 4.º dedo da mão.</i>	12

I N D E X

	N N
BARROS (ALBERTINO) e ALBANO LENCASTRE: <i>Une anomalie très rare du membre supérieur gauche</i>	3
BRESMES (DR MARTIN SANCHEZ): <i>Sobre uma anomalia das artérias do antebraço</i>	6
— <i>Persistencia del agujero de Botal en el adulto</i>	7
— <i>Ausencia congenita de la clavícula derecha</i>	8
— <i>Nuevo proceder para la conservacion de piezas y cadáveres</i>	11
— <i>Musculo flexor anómalo del dedo índice</i>	12
BRITES (GERALDINO): <i>Matériaux pour l'étude des formations ou modifications structurales utéro-annexielles supposées pathologiques. Obs. II</i>	5
CORREIA (MAXIMINO): <i>Professor Doutor Geraldino da Silva Baltazar Brites (In memoriam)</i>	16
LENCASTRE (ALBANO DE): <i>Quelques anomalies artérielles du membre supérieur</i>	1
— <i>Notas complementares sobre um caso de phocomelia bipelvica</i>	10
MELO (JOÃO DE): <i>Estudo dum monstro acefaliano</i>	15
MOITAS (ÁLVARO): <i>Monstro duplo isquiópago humano</i>	9
SALVADOR JUNIOR (A.): <i>Tumor mixoide da aurícula esquerda</i>	4
SIMÕES (FERNANDO): <i>A propósito de um neurinoma maligno do ciático</i>	3
— <i>Esteatose esterínica experimental</i>	14
SIMÕES (AMANDIO TAVARES, ERNESTO MORAIS & FERNANDO): <i>Tu- mores experimentais do torotraste</i>	13

F O L I A A N A T O M I C A
V N I V E R S I T A T I S
C O N I M B R I G E N S I S

(Propriété du Laboratoire d'Anatomie et de l'Institut d'Histologie et d'Embryologie)

EDITEUR: PROF. MAXIMINO CORREIA

Les FOLIA ANATOMICA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS publient des memoires originaux et des études d'Anatomie descriptive et topographique, d'Anatomie pathologique, d'Histologie et d'Embryologie.

Les FOLIA rédigées en portugais sont suivies d'un résumé en français, en anglais ou en allemand, au choix de l'auteur. Les fascicules contenant une ou plusieurs FOLIA, paraissent au fur et à mesure que les articles sont imprimés, d'après l'ordre de réception des manuscrits.

Les manuscrits adressés à la rédaction ne sont pas rendus à leurs auteurs même quand ils ne sont pas publiés.

Les communications concernant la rédaction et l'administration des FOLIA ANATOMICA doivent être adressées à M. le Prof. Maximino Correia, Laboratoire d'Anatomie, Largo Marquez de Pombal, Coïmbre, Portugal.

FOLIA ANATOMIAE
UNIVERSITATIS
COMMUNICATIO

Imprimi curavit: JOHANNES DE WITTE, Typographus Universitatis.

Amstelredamum, Apud JOHANNEM DE WITTE, Typographum Universitatis.

ANATOMIA UNIVERSITATIS
FOLIA ANATOMIAE
UNIVERSITATIS
COMMUNICATIO
Imprimi curavit: JOHANNES DE WITTE, Typographus Universitatis.
Amstelredamum, Apud JOHANNEM DE WITTE, Typographum Universitatis.

Les FOLIA rédigées en portugais sont suivies d'un résumé en français, en anglais ou en allemand, au choix de l'auteur. Les fascicules contenant une ou plusieurs FOLIA, paraissent au fur et à mesure que les articles sont imprimés, d'après l'ordre de réception des manuscrits.

Les manuscrits adressés à la rédaction ne sont pas rendus à leurs auteurs même quand ils ne sont pas publiés.

Les communications concernant la rédaction et l'administration des FOLIA ANATOMICA doivent être adressées à M. le Prof. Maximino Correia, Laboratoire d'Anatomie, Largo Marquez de Pombal, Coimbre, Portugal.

- Leopoldo
- Luis Du
- Sergent
- A. da C
- R. Mart
- Otto Sc
- Adolph
- S. Romi
- A. Ecke
- Grüning
- Weisse
- Koenne
- Wechsl

F O L I A A N A T O M I C A
V N I V E R S I T A T I S
C O N I M B R I G E N S I S

(Propriété du Laboratoire d'Anatomie et de l'Institut d'Histologie et d'Embryologie

EDITEUR: PROF. MAXIMINO CORREIA

Les FOLIA ANATOMICA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS publient des memoires originaux et des études d'Anatomie descriptive et topographique, d'Anatomie pathologique, d'Histologie et d'Embryologie.

Les FOLIA rédigées en portugais sont suivies d'un résumé en français, en anglais ou en allemand, au choix de l'auteur. Les fascicules contenant une ou plusieurs FOLIA, paraissent au fur et à mesure que les articles sont imprimés, d'après l'ordre de réception des manuscrits.

Les manuscrits adressés à la rédaction ne sont pas rendus à leurs auteurs même quand ils ne sont pas publiés.

Les communications concernant la rédaction et l'administration des FOLIA ANATOMICA doivent être adressées à M. le Prof. Maximino Correia, Laboratoire d'Anatomie, Largo Marquez de Pombal, Coïmbre, Portugal.